

**HISTÓRIA DA ARTE E MEMÓRIAS MARGINAIS:  
ESQUECIMENTOS, CONTRADIÇÕES, FLUXOS E  
CONTRA/NARRATIVAS**

Carlos Henrique Romeu Cabral, Madalena Zaccara

► **To cite this version:**

Carlos Henrique Romeu Cabral, Madalena Zaccara. HISTÓRIA DA ARTE E MEMÓRIAS MARGINAIS: ESQUECIMENTOS, CONTRADIÇÕES, FLUXOS E CONTRA/NARRATIVAS. Memórias e inventações, 2017. hal-02013949

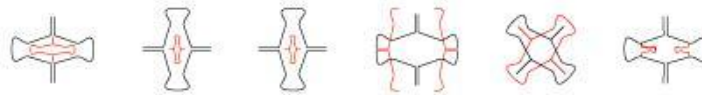
**HAL Id: hal-02013949**

**<https://hal-univ-tlse2.archives-ouvertes.fr/hal-02013949>**

Submitted on 1 Mar 2019

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



## HISTÓRIA DA ARTE E MEMÓRIAS MARGINAIS : ESQUECIMENTOS, CONTRADIÇÕES, FLUXOS E CONTRA/NARRATIVAS.

Carlos Henrique Romeu Cabral / Université Toulouse II, IFPE  
Madalena Zaccara / UFPE

### RESUMO

Este artigo resulta de uma série de discussões extraídas a partir de um simpósio realizado em setembro de 2017 como parte da programação do XXVI Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP, ocorrido na cidade de Campinas, São Paulo. Pesquisadores de diversas regiões do Brasil compartilharam suas pesquisas, construindo assim, uma vitrine de zonas de tensões na História da Arte brasileira, a partir de discursos ligados ao corpo, à mulher, aos eixos não hegemônicos dos sistemas culturais e diferentes maneiras de olhar os sujeitos que se encontram à margem de seus sistemas. O texto divide-se em duas partes que relacionam os eixos temáticos trabalhados no simpósio e apresenta em sua conclusão algumas considerações resultantes do cruzamento de diferentes sujeitos e perspectivas que permearam esse evento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte brasileira; corpo, mulher, marginalidades, conflitos.

### RESUME

Cet article résulte d'une série de discussions durant un symposium réalisé en septembre 2017 comme partie du programme du XXVI Congrès de l'Association Nationale des Chercheurs en histoire de l'Art – ANPAP qui a eu lieu à Campinas, Sao Paulo. Des chercheurs de différentes régions du Brésil ont partagé leurs recherches à partir de sujets liés au corps, à la femme, aux axes non hégémoniques des systèmes culturels et à différentes façons d'aborder des sujets situés hors de ses systèmes. Le texte est divisé en deux parties qui abordent les axes thématiques travaillés durant le symposium et conclut quelques résultats du croisement de différents sujets et perspectives.

**MOTS-CLES:** Art brésilien; corps; femme, marginalités, conflits.

A História da Arte é um campo de conhecimento um tanto antigo se considerarmos os primeiros procedimentos metodológicos utilizados por Vasari em meados do século XXVI. Ao pensarmos sobre o desenvolvimento desse campo, passados alguns séculos desde sua emergência, nos confrontamos com uma historiografia construída por meio do diálogo com diversas áreas de conhecimento e marcadas por campos discursivos em disputa. Os resultados desses cruzamentos têm aproximado cada vez mais o campo da História da Arte de outras ciências como a Filosofia, a Psicanálise, a Sociologia, a Arqueologia, a Antropologia, a Crítica, etc...

A História da Arte hoje pode considerar-se como um campo plural, híbrido, em trânsito, aberto para dialogar com novas formas de produção de conhecimento e com o constante objetivo de investigar a dimensão teórica dos fenômenos estéticos.

Entre os diferentes modelos metodológicos que caracterizam as inúmeras correntes teóricas da historiografia da arte, é evidente na contemporaneidade, o advento de novos fazeres que se constroem a partir de perspectivas individuais e sintetizadoras. Essas recentes experiências revelam a possibilidade de construir memórias e narrativas históricas inovadoras, baseadas em novos olhares sobre os objetos de estudo e novos modos de operação sobre as fontes de pesquisa.

A abertura do campo da História da Arte para o diálogo com outras ciências tem distanciado alguns pesquisadores de perspectivas então consideradas como lineares e formalistas. Isso tem gerado uma produção científica cada vez menos comprometida com modelos canônicos de trabalho e voltadas para sujeitos e processos estranhos às convenções sociais.

A ampliação das possibilidades de transitar entre domínios científicos e a liberdade em pensar de forma não linear, tem aproximado o historiador da arte de questões que anteriormente poderiam ser consideradas como irrelevantes ou até mesmo tabu dentro do seu campo de trabalho.

Essas fissuras têm o seu terreno construído a partir de novas geografias, de novas políticas, de eixos não hegemônicos, de trocas, de ambiguidades e de contradições. São processos geralmente traumáticos, hiatos de memórias esquecidas daquilo que está à margem, nas bordas do proibido, do periférico.

Considerando o supracitado, o simpósio “Historia da Arte e Memoria Marginais: esquecimentos, contradições, fluxos e contra/narrativas” abre espaço para pesquisadores que identificam em suas pesquisas relações entre as dimensões teóricas da arte e os sujeitos e práticas considerados à margem dos seus contextos. Foram aceitas 12 comunicações, das quais 11 foram apresentadas, abordando essas questões de diferentes maneiras. As comunicações foram agrupadas em três grupos, dois com temáticas claramente definidas e outro bloco com relações mais transversais e abertas entre os textos.

Nesta contribuição para o e-book do 26 Encontro da ANPAP, iremos focalizar a nossa discussão nos dois primeiros dias do evento. Não que o terceiro dia seja menor em importância, mas pela dificuldade em conectar, em um único texto, temáticas tão distintas. Voltaremos a discussão para os artigos que deram corpo ao simpósio, a partir das relações estabelecidas entre pesquisas que compartilharam de forma mais clara questionamentos e contextos em comum.

Atentas para os esquecimentos, os fluxos, as recusas, as interdições, as transgressões e o não dito, essas novas investigações deverão contribuir para a construção de uma vitrine das zonas de conflito e de tensão na História da Arte brasileira.

### **Por uma nova história de uma política do corpo.**

Como enfatiza Bauman (2003) estamos inseridos em um mundo fluido, de rápidas e constantes transformações. Dentro deste contexto a nossa identidade passa a ser porosa e de difícil delimitação. Ou seja: o indivíduo que antes acreditava ser integrado, centrado, uno, cede lugar a alguém descentrado, fragmentado, deslocado, composto por várias identidades, inclusive no que diz respeito ao seu corpo e sexualidade.

O corpo não é um dado pronto diz Butler (2003). Ele é construído historicamente. Um produto de um contrato social que na maioria das sociedades é obedecido. Estratégias de subversão podem provocar reflexões sobre esse determinismo de naturalização do corpo e buscar romper com ele. A arte é uma delas. Um veículo político e subversor. Nas palavras de Jacques Rancière “a ação artística identifica-se com a produção de subversões pontuais e simbólicas do sistema” (RANCIERE, 2010, p. 108). Arte e subversão contribuem, portanto, para a construção de novas formas de sentir e compartilhar o corpo em construção.

Popularizado pelo consumo e pela publicidade, esse corpo construído, copiado, idealizado, distorcido e, principalmente, consumido, gradativamente, passou a ser símbolo de denúncias, de lutas: torna-se um instrumento político, enfim. Novas formas de arte o tratam como suporte, sujeito e objeto. Novas maneiras de olhar ampliam as fronteiras da história da arte em relação ao corpo e a sexualidade a ele inerente.

As interrogações iniciais sobre o corpo & arte & política se transformaram. Através destes novos olhares ampliou-se o interesse pelas culturas subalternas e pelas minorias sexuais. A epistemologia em torno da temática dos corpos foi (e continua a ser) enriquecida e eles passaram a serem vistos e vividos como sedes de identidades, mas também de metamorfoses ou de recomposições. O debate ampliado incluiu a construção de uma nova memória que também inclui a da sexualidade e suas múltiplas possibilidades. Uma memória que nos trás a ideia provocante de deslocamento, desnaturalização e de subversão e que marca a construção de uma nova fase de reflexões e reivindicações sobre as políticas voltadas para o corpo.

Podemos falar de outros tipos de seres, de outros tipos de corpos e de múltiplos olhares sobre eles. Inclusive daqueles que atravessam as fronteiras de gênero. As possibilidades políticas do corpo como arte contribuem para desconstruir o esquema arbitrário que impõe um papel de fundo social determinado. Elas colaboram também para com a construção de uma nova história da arte em busca de situar o afloramento de manifestações artísticas que promovam um diálogo mais estreito, sistemático e experimental com a vida. Arte e vida, corpo e política. Em uma relação que “mantenha permanentemente o princípio da abertura absoluta” como reforça Vidal (1997.p. 8).

È sobre esse corpo apropriado e suas representações que nos voltamos naquela primeira manhã do simpósio intitulado “História da Arte e Memórias Marginais: esquecimentos, contradições, fluxos e contra/narrativas”.

Inicialmente tivemos a investigação da prof. Dra. Madalena Zaccara que abordou a ideia de Corpo & Memória & Identidade tendo como estudo de caso o espaço, social e artístico pernambucano, um centro não hegemônico, conjugado no feminino. Um corpo percebido através de mídias plurais por três artistas mulheres, duas cisgêneras e uma transgênera, que têm em comum a imersão e utilização de seus corpos como objeto artístico e político reivindicando para ele a condição de agente transformador pela sua capacidade de reconfigurar as sensibilidades.

Foram elas: a artista Barbara Collier, da novíssima geração que atua em Pernambuco, através de sua performance intitulada “Musa” que teve lugar no Museu

do Estado de Pernambuco (MEPE) em 2005. A ação volta-se para uma análise do culto do feminino e de seus “encantos” que inspiraram e inspiram artistas que usam o corpo da mulher como objeto, mesmo que esse objeto sirva como fonte de adoração. Na ação Barbara se metamorfoseia em um desses objetos de culto e usa a fotografia como apoio para a “divinização” imagética necessária.

A segunda artista pernambucana apresentada foi Guilhermina (nascida Guilherme) Pereira, cujo nome artístico é Velicastelo. Transexual, ela cria uma linguagem própria, uma mitologia pessoal, que perpassa o conjunto de sua obra. A sexualidade plural de seus personagens povoa seus desenhos de um erotismo explícito ou de inserções sutis em cenas do cotidiano onde a artista se busca como corpo (in) definível em sua memória e em sua transitoriedade: autorretratos idealizados.

Seguiu-se uma análise do trabalho da veterana artista Christina Machado que enveredou pelos caminhos do corpo, seu corpo, enquanto elemento de comunicação com o mundo induzindo-a em uma viagem interior e confundindo os limites entre arte e vida tendo o barro como material utilizado para, juntamente com seu corpo, através de atividades performáticas, questionar limites e liberdades.

A segunda apresentação foi a da mestrandia em Artes Visuais, pelo Programa Associado em Artes Visuais UFPE-UFPB, Guilhermina Velicastelo cujo trabalho serviu como fonte de investigação para a apresentadora anterior: prof. Dra. Madalena Zaccara, sua orientadora.

Durante a apresentação Velicastelo mapeia o contexto político em que as ações artísticas micropolíticas se inserem no contexto da sociedade pós-moderna. Seu discurso passou por uma contextualização da sociedade em que vivemos e de como a arte contemporânea nela se insere. Guilhermina, em seguida, discorre sobre as especificidades da arte *queer* dentro do contexto dessas ações micropolíticas, se valendo do conceito de contrassexualidade proposto por Beatriz Preciado, para identificar ações micropolíticas que constituem não só uma forma de resistência a um determinado *status quo*, mas também um fator de identificação de ações que, dentro do contexto pós-moderno toquem no que há de sensível a ser discutido.

Para ela ainda que o objetivo da contrassexualidade seja o de questionar ontologicamente tudo o que foi produzido, ele também é produtor de novas realidades, de novos corpos, de novas maneiras de pensar e de agir.

A terceira apresentação trouxe a investigação de Ana Emília Silva, da UERJ, que reflete sobre o corpo através dos aspectos fotográficos do trabalho "A queda do Motociclista da FAB" (1965) de Evandro Teixeira. A problematização das performances do corpo na fotografia foi o campo discursivo ativado pelas imagens propostas que visavam à ampliação do entendimento acerca do objeto analisado.

O gesto fotográfico, pensado como uma ação contra-hegemônica aborda o corpo humano através da fotografia situando-o na construção de uma reflexão política que busca compreender a relação entre fotografia documental e as políticas da memória propostas pela arte.

O debate envolveu essas três abordagens sobre o corpo promovendo a desconstrução de mitos que o envolvem e considerando a afirmação de Le Breton de que "o corpo metaforiza o social e o social metaforiza o corpo" (2006, p. 70). Por ser uma prática profundamente ligada às demais esferas sociais o discurso sobre a arte é capaz de sintetizar, avaliar e comunicar uma série de experiências que dizem respeito à vida coletiva. Ao valorizar a sensibilidade ela torna possível lançar um olhar mais libertário para o cotidiano, (re) significar a experiência em relação ao outro, dar espaço para o criativo, surpreendente e diferente bem como resgatar modos de pensar, agir e de se relacionar. A arte nos proporciona a possibilidade de vivenciar a diversidade e extirpar visões estereotipadas. Podemos, através dela, incorporar a pluralidade, com suas diversas formas de construir e reconstruir o mundo.

O desafio dos múltiplos olhares sobre o corpo como suporte de análise foi marcado pelo trabalho das três participantes do simpósio nesta primeira manhã. Exposição e debate marcaram os olhares sobre as transformações políticas e sociais aliadas a conquistas científicas que redimensionaram o comportamento, as relações de identidade e sexualidade possibilitando o olhar sobre corpos em trânsito e em transe bem como sobre o entender a fotografia política, "não como complementar ao discurso sobre uma dada realidade, mas como campo de negociação entre o

fotógrafo, o fotografado e as ambientações discursivas as quais as imagens ativam”. (SILVA, 2017, p. 2)

### **Marginalidades, zonas de tensão e História da Arte**

Desde o início da década de 1970 diversos historiadores voltaram os seus olhares para aqueles que foram recusados ou abandonados pela sociedade moderna.

Como afirma Schmitt (1978), “a História foi, durante muito tempo, escrita a partir do centro”. Este centro deve ser por nós entendido, como um campo difusor e legitimador de ideias, teorias e informações. Tudo o que está fora dele geralmente não é visto nem observado, porém deve ser considerado como um terreno fértil para o desenvolvimento de inúmeros trabalhos de pesquisas de cunhos filosófico, sociológico e estético. O estudo dessas zonas periféricas nos permite investigar grupos sociais que criam, por muitas vezes, sua própria cultura, com códigos estéticos, vocabulários e modelos de vida e de representação próprios.

Evidenciar as visíveis interações entre um mundo dito central e outro dito marginal tem permitido o desenvolvimento de novas maneiras de se fazer pesquisa. Os estudos feministas, de gênero e de comunidades em fluxo (migrantes e imigrantes) ou em isolamento, têm se apresentado como terrenos cada vez mais atrativos para os historiadores nas últimas décadas do século XX e nos primeiros anos deste século que se inicia. O tempo presente afirma diariamente a necessidade de pensar historicamente o conjunto dos fenômenos de rejeição social. Esse conteúdo revela um universo artístico e existencial muitas vezes oculto, inexplorado, desconhecido e capaz de perturbar um sistema de valores.

Em sua gênese, a arte brasileira congrega uma série de produções realizadas por segmentos sociais marginalizados como reflete Chiarelli (2002):

Esquemáticamente a arte brasileira poderia ser dividida em dois grandes grupos: o primeiro congregaria as manifestações dos segmentos sociais marginalizados, onde convivem em amalgama contribuições de diversas culturas como as de derivação indígena, africana, portuguesa e de outros povos para cá imigrados no século passado. (...) O segundo grupo congregaria justamente a produção erudita, herdeira da arte europeia, iniciada no país de maneira mais sistemática com a atuação da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro no século XIX. (CHIARELLI, 2002, P. 12)



Outra questão pertinente aos sujeitos negligenciados pela historiografia da arte brasileira nos aponta a mulher como alvo de uma série de repressões e impedimentos que limitaram o acesso do sexo feminino à formação erudita, à inserção mercadológica e comprometem até hoje a sua presença no sistema das artes nacional.

De acordo com as transformações econômicas ocorridas nos últimos 500 anos, foram criadas no território brasileiro, zonas de concentração de riquezas em diferentes lugares. Esse fluxo de atividades econômicas distintas centralizou o mercado das artes visuais em algumas cidades que acabaram sendo responsáveis pelos principais eventos e instituições que marcaram a História das Artes Visuais no Brasil. Os espaços de produção estética situados fora dessas esferas hegemônicas são, por muitas vezes, esquecidos por historiadores e críticos de Arte, em sua maioria, instalados nas grandes cidades.

Foi nesse contexto de diferentes paisagens periféricas nacionais que o segundo dia do nosso simpósio encadeou suas discussões. Durante esse encontro, quatro pesquisadores compartilharam pesquisas desenvolvidas em diferentes regiões do país, tendo em comum a relação com seus contextos espaciais como determinantes para um discurso de suas práticas investigativas.

Como primeiro comunicador, o professor do IFPE Carlos Henrique Romeu Cabral apresentou algumas conclusões de um trabalho de pesquisa doutoral em História da Arte que ele desenvolve desde 2015 na Université Toulouse II, através do Laboratoire France, Amériques, Espagne – Sociétés, pouvoirs, acteurs – FRAMESPA, sob a direção do Dr. Jean Nayrolles, onde investiga as transferências artísticas realizadas entre o Nordeste do Brasil e a França no início do século XX e a difusão das vanguardas modernistas na América Latina após a I Guerra Mundial.

O artigo apresenta a cidade de Recife como um polo catalisador de transformações estéticas e intercâmbios culturais desencadeados durante a primeira metade do século XX e os pintores pernambucanos Fedora, Vicente e Joaquim do Rego Monteiro, aparecem como principais representantes da pintura pernambucana em Paris durante a eclosão da Arte Moderna. Através do intercâmbio realizado pelos irmãos Monteiro em academias, salões e galerias de arte na França, torna-se

evidente a criação e o estabelecimento de uma rede de relações entre o panorama estético europeu e a produção artística presente nas Artes Plásticas no Nordeste Brasileiro, centralizada essencialmente na cidade de Recife durante as primeiras décadas do século XX.

Esses artistas atuaram como articuladores de uma rede de contatos e intercâmbios entre indivíduos e instituições nacionais no Brasil e no exterior. Tal afirmação foi evidenciada durante a exposição, através da apresentação da *Société des Artistes Brésiliens em France*. Essa associação, que teve entre seus membros fundadores, as figuras de Fedora e de Vicente do Rego Monteiro, atuou fortemente na difusão da arte latino-americana no continente europeu durante as primeiras décadas do século XX.

A exposição itinerante da *Ecole de Paris*, inaugurada em Recife no ano de 1930 e a presença da Revista Renovação aparecem como canais difusores das ideias modernistas no estado de Pernambuco e contribuíram com a criação de um sistema artístico local em sintonia com o mercado da arte europeia.

As contribuições dos artistas focados no artigo redimensionam o legado do estado de Pernambuco na História da Arte Moderna brasileira e revelam um universo artístico de extrema riqueza para a compressão da gênese do modernismo nacional.

Saindo do Nordeste, a segunda apresentação nos reporta ao Mato Grosso do Sul, através da pesquisa do professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul Dr. Marcos Antônio Bessa Oliveira. Ele nos apresenta uma produção artística mato-sul-grossense atrelada às questões econômicas, sociais e políticas que construíram a identidade legal e cultural dessa unidade federativa.

A presença do boi como imagem absorvida pela iconografia estilística presente na obra de diversos artistas da região contribui para o desenvolvimento do que ele chama de bovinoculturismo. Artistas que produzem desde o início da década de 1970 se utilizam da representação do boi como um argumento estrutural de um discurso político e geográfico.

O incentivo e o fomento advindos do poder público e do agronegócio reforçam, segundo o pesquisador, a existência de um sistema de representação artística

dependente das atividades econômicas e espaciais locais, travestidas de códigos vanguardistas europeus como únicos sinônimos da produção artística contemporânea. Esse sistema vicioso nos aparece como responsável pelo desenvolvimento de um debate entre a classe artística local que questiona de maneira salutar os processos de financiamento e de legitimação da produção artística no estado.

A terceira comunicação tem como cenário um polo cerâmico situado no Vale do Ribeira, interior de São Paulo. A pesquisa desenvolvida por Amanda Magrine da UNESP nos apresenta uma atividade artística exercida essencialmente por mulheres como uma importante fonte de renda para famílias de diversas comunidades. Essa atividade atua segundo a pesquisadora, como forma de registro de tradições populares, procedimentos técnicos e estéticos presentes na arte cerâmica.

Para Amanda, além de uma memória material, a atividade cerâmica carrega consigo uma memória social, que evidencia trajetórias e contextos das relações sociais que permeiam os produtos artísticos confeccionados pelas ceramistas e suas relações de dependência com o espaço geográfico.

A autora denuncia o declínio da atividade cerâmica na região através de um quadro comparativo de levantamentos de artesãos realizados entre os anos de 1950 e 2017. Ela também reflete em suas ideias sobre a perda da identidade estética local em detrimento às necessidades de um público consumidor.

Finalizando o segundo dia de apresentações que apresentou o segundo eixo temático do simpósio, a pesquisadora e professora da Universidade Federal do Tocantins, Herta Silva apresenta o espaço urbano como receptor e difusor de manifestações visuais subversivas através de cartazes e lambe-lambes. Para a pesquisadora, esses fenômenos estéticos podem ser considerados como desvios por se tratarem de comportamentos à margem das normas vigentes e recusados pela sociedade.

A partir da noção de desvio defendida por Herta, o texto relaciona o lambe-lambe ao conceito de heterotopia defendido por Michel Foucault, fundamentado pelo caráter transgressor de indivíduos cujo comportamento seja divergente dos padrões sociais.

De acordo com a pesquisa apresentada pela professora, os cartazes lambe-lambe atuam como um importante canal de expressões individuais e coletivas que divergem das normas e dos padrões estabelecidos pela sociedade.

### **Sobre experiências e aprendizados**

Através das discussões estabelecidas entre os comunicadores e o público participante do simpósio, foi possível evidenciar um contexto de desconstrução de mitos referentes ao corpo enquanto símbolo e protótipo de libertação e mobilização política e forma de luta contra a violência de uma sociedade androcentrica e heterocentrada por vezes invisível para as suas vítimas, porém não menos real ou letal. Foi também possível perceber como as relações entre a produção artística e os espaços de produção que se encontram fora dos eixos culturais hegemônicos podem influenciar na construção das narrativas históricas.

Atentos aos sujeitos que foram ofuscados, pressionados, negligenciados, não reconhecidos e recusados pela história das Artes visuais no Brasil, através deste encontro, os pesquisadores denunciaram, propuseram e reivindicaram questões salutares para a compreensão de uma nova epistemologia em torno das temáticas marginais que são assim enriquecidas por uma bibliografia que as contemplam.

### **Referências**

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 2003.
- CABRAL, Carlos. **O modernismo fora do eixo Rio-São Paulo – Recife como pólo de produção e exportação da arte moderna nacional**. In: PARAGUAI, L.; SOGABE, M. (orgs.). Anais do 26º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Artes Plásticas, Campinas, 2017.
- CHIARELLI, Tadeu. **Arte internacional brasileira**. São Paulo: Lemos Editorial, 2002.
- MAGRINI, Amanda. **Memória do barro: Registros e transformações na cerâmica popular do alto do Vale do Ribeira (SP)**. In: PARAGUAI, L.; SOGABE, M. (orgs.). Anais do 26º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Artes Plásticas, Campinas, 2017.
- OLIVEIRA, Marcos Antônio. **A produção artística contemporânea de Mato Grosso do Sul: Resgate de “memórias e inventações” artísticas**. In: PARAGUAI, L.; SOGABE, M. (orgs.). Anais do 26º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Artes Plásticas, Campinas, 2017.

- PEREIRA, Guilhermina. **Ações artísticas micropolíticas na sociedade pós-moderna**. In: PARAGUAI, L.; SOGABE, M. (orgs.). Anais do 26º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Artes Plásticas, Campinas, 2017.
- RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.
- SILVA, Ana Emília. **Queda**: Evandro Teixeira e a fotografia de um corpo político. In: PARAGUAI, L.; SOGABE, M. (orgs.). Anais do 26º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Artes Plásticas, Campinas, 2017.
- SILVA, Hertha. **Cartazes lambe-lambe**: Apropriação e significação do/no espaço urbano. In: PARAGUAI, L.; SOGABE, M. (orgs.). Anais do 26º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Artes Plásticas, Campinas, 2017.
- SHMITT, Jean-Claude. **L'histoire des marginaux**. Paris: CEPL, 1978.
- VIDAL, Carlos. **Definição da arte política**. Lisboa: Fenda, 1997.
- ZACCARA, Madalena. **Corpo& Memória & Identidade**: artistas mulheres em Pernambuco. In: PARAGUAI, L.; SOGABE, M. (orgs.). Anais do 26º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Artes Plásticas, Campinas, 2017.

### **Carlos Henrique Romeu Cabral**

Doutorando em História da Arte pela Université Toulouse II – França e membro do Laboratoire France, Amériques, Espagne – Sociétés, pouvoirs, acteurs (FRAMESPA). Pesquisador do grupo de pesquisa Arte, Cultura e Memória (UFPE–CNPq) e Professor do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) – Campus Olinda, onde atua como docente do Curso Técnico em Artes Visuais.

### **Madalena Zaccara**

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), bacharelado em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) mestrado (DEA) em História e Civilizações – Université Toulouse II, Toulouse, França e doutorado em História da Arte – Université Toulouse II, também em Toulouse, França, como bolsista Capes. Tem pós-doutorado pela Escola de Belas Artes da Universidade de Porto, Portugal, também como bolsista Capes. Atualmente é professora Associada da Universidade Federal de Pernambuco.